

AS DÉCADAS DE 1970 E 1980: AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO SKATE E A CONSTRUÇÃO DA PISTA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

Manoel José Fonseca Rocha¹

Camila da Cunha Nunes²

Resumo: O artigo descreve as primeiras manifestações de apropriação dos espaços urbanos para prática do skate em Pelotas/RS, caracterizando-o como prática de lazer dos jovens entre os anos 1975 e 1985. Para tal, utilizaram-se como fontes entrevistas que foram gravadas com recurso de um gravador, realizadas com 09 skatistas e 01 gestor público; e, fotografias cedidas pelos entrevistados. Considera-se que as calçadas e lombas³, como primeiras manifestações de apropriação dos espaços urbanos, contribuíram para a construção da primeira pista pública de skate (PPS) da cidade, conhecida popularmente como “Panelão”.

Palavras-chave: Lazer; Juventude; Pelotas; Rua Uruguai; Skate.

The 1970's and 1980's: the first skateboard manifestations and the construction of the public rink in the municipality of pelotas/rs

Abstract: The article describes the first manifestations of appropriation of urban spaces for skateboarding in Pelotas/RS, characterising it as a leisure practice of young people between 1975 and 1985. For this purpose, interviews were used as a source, which was recorded using a tape recorder, carried out with 09 skaters and 01 public manager; and photographs provided by the interviewees. It is considered that sidewalks and bumps, as the first manifestations of appropriation of urban spaces, contributed to the construction of the city's first public skate track (PPS), popularly known as "Panelão".

Keywords: Leisure; Youth; Pelotas; Uruguay Street; Skateboard.

Introdução

O município de Pelotas está localizado no Sul do Estado do Rio Grande do Sul e traça limites com Morro Redondo e Canguçu; a Oeste, Arroio do Padre (enclave); São Lourenço do Sul, Turuçu, ao Norte; e, Capão do Leão e Rio Grande, ao Sul. Dista, aproximadamente, 261 km da capital Porto Alegre. Apresenta 84.6% dos domicílios urbanos situados

¹ Doutor em Desenvolvimento Regional. Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente na Escola Técnica do Vale do Itajaí (ETevi/FURB). Brusque (SC), Brasil. manoeljoserochae@gmail.com

² Doutora em Desenvolvimento Regional. Docente no Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Brusque (SC), Brasil. camila.nunes@unifebe.edu.br.

³ Denominamos de “Lombas” as poucas ruas que existem na cidade de Pelotas com uma inclinação bastante acentuada e que permitia aos praticantes de skate desenvolverem suas manobras com maior velocidade.

em vias públicas. Uma das características urbanas que chama a atenção é o fato de o município possuir dezenas de praças e uma quantidade expressiva de pombos, o que, de certa forma, proporciona atividades de lazer às famílias. As praças, espalhadas pelos quatro cantos do município, tornam-se locais de passeios e encontros de pessoas para “chimarrear” e dar pipocas aos pombos.

As idas e vindas pelo tempo vivido nesse município são repletas de memórias, sobretudo quando relacionadas aos lazes de um tempo que já passou. Algumas marcantes e recheadas de detalhes, outras nem tanto, desenvolvidas “[...] de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora [...]” (DUMAZEDIER, 1973, p. 34). Compostos de detalhes que refletem um tempo em que as rotinas de lazer da juventude se davam nas ruas, em meio às brincadeiras que iam desde os tradicionais “pega-ladrão”, “esconde-esconde”, “carrinho de rolimã”, “pega-ajuda”, até a introdução da adrenalina promovida pela prática corporal proporcionada pelo skate.

Ante o exposto, objetiva-se descrever os primórdios do processo de territorialização da prática do skate no município de Pelotas/RS, temporalmente, entre os anos de 1975 e 1985. Período que compreende as primeiras manifestações dessa prática pelas calçadas e lombas da cidade, até a construção e imediata utilização da primeira pista pública de skate (PPS) de Pelotas. Momentos esses que ilustram as transformações vividas pelos esportes “radicais” no Brasil, pois, conforme Fortes (2009), a década de 1980 torna-se especial para o crescimento dos esportes radicais, subsidiado tanto pelo desenvolvimento da prática pelas pessoas, quanto pela visibilidade alcançada e espaços concedidos em meios de comunicação, como a mudança estrutural de algumas modalidades. Para tal, este artigo se propõe a descrever as primeiras manifestações de apropriação dos espaços urbanos para prática do que se denominou de lazer-skate⁴, como também contextualizar o processo que originou a construção da primeira PPS em Pelotas no ano de 1979, conhecida popularmente como “Panelão”.

Utilizamos como fontes entrevistas que foram gravadas com recurso de um gravador, realizadas com 09 skatistas e 01 gestor público. Também utilizamos fotografias cedidas pelos entrevistados.

Registra-se que a pesquisa está resguardada eticamente sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n° 02256918.0.0000.5370 e Parecer de Aprovação n° 4.197.930, concedido mediante a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Universidade Regional de Blumenau (FURB).

⁴ Expressão utilizada para caracterizar um período em que a prática do skate foi introduzida como um brinquedo a ser praticado nas ruas, em meio a tantas outras brincadeiras de rua. Período em que não se compreendia o skate como se compreende hoje.

Ruas, rodovias e “lombas”: os “primeiros passos” das rodinhas do skate na cidade de Pelotas

Aqui, com base na memória oral e documental, buscamos descrever os primórdios do processo de territorialização da prática do skate no município, caracterizando o seu processo inicial como prática de lazer dos jovens de Pelotas. Período esse que compreende as suas primeiras manifestações pelas calçadas, rodovias e lombas da cidade e, mais tarde, a construção da primeira PPS de Pelotas.

Escrever sobre os anos iniciais do skate pelotense é retornar aos anos de 1970, época em que andar em cima de uma tábua com quatro rodinhas era sinônimo de pura diversão nas ruas. Tempo em que o skate entrava nas casas como presente de aniversário ou em datas especiais, tais como Natal ou Dia das Crianças. Tal contexto registrou uma espécie de pontapé inicial de uma geração que assinalou a gênese de uma prática corporal no município.

Em interlocução com os entrevistados que vivenciaram o período, buscou-se descrever como o skate se inseriu na vida desses jovens, relacionando essa inserção com os “primeiros passos” das rodinhas pelas ruas e arredores da cidade de Pelotas. Talvez, para alguns desses jovens representou uma fase curta, passageira, não virou paixão. Para outros, entrou em suas vidas e, de alguma forma, nunca mais saiu. O fato é que, já nessa época, a gurizada⁵ buscava uma forma de lazer nas ruas por intermédio do skate - o lazer-skate, o que contribuiu para sua permanência até nossos dias.

Piltcher (2020)⁶, relata que:

o meu início da vida no skate, acontece lá com 18...17 anos, acontece que havia alguns amigos da volta...da zona⁷, próxima da minha casa, na rua Gonçalves Chaves, em frente ao Colégio Assis Brasil [...] E aí começou...amigos a andar de skate na calçada, pra lá e pra cá e aquilo começou de tal forma que cada um começou a adquirir um skate... aqueles mais comuns, Bennett, depois adquiri um melhorzinho [...] Andávamos pelas ruas de Pelotas, aí cada um começou a adquirir um skate [...] Se reclamava porque a cidade não tinha lombas, a única lomba que tinha era a da Rua Uruguai...tinha um prédio que tinha um pilar bem no meio da calçada.

As emoções e adrenalinas decorrentes da prática do skate daqueles tempos estavam atreladas às estruturas físicas que os espaços urbanos eram capazes de oferecer. Como salienta Costa e Rodrigues (2020, p. 207) as especificidades físico-espaciais de um local são

⁵ Expressão utilizada pelos pelotenses e gaúchos, em geral, para se referirem ao coletivo de guris, que significa pessoa muito jovem, geralmente entre 14 e 20 anos de idade.

⁶ Luciano Guedes Piltcher, conhecido como Piltcher, é médico formado há 24 anos e trabalha no Hospital Miguel Piltcher.

⁷ Zona é forma utilizada pelos pelotenses para expressar a localidade de uma determinada região do município ou para denominar o seu próprio bairro.

determinantes para a sua “[...] atratividade e interesse de seus usuários, pois é através da complexidade e da diversidade de espaços dentro das cidades que mais plenamente poderá ser apropriado para fins de lazer de seus usuários.”

Certamente as sensações de perigo, medo, ansiedade e sentimento de coragem que envolviam a prática do skate na lombada da Rua Uruguai não estariam tão presentes se desenvolvidas nas calçadas planas e sem obstáculos à frente. A especificidade físico-espacial presente na lombada da Rua Uruguai, composta por uma calçada pavimentada de lajotas irregulares e por uma inclinação quase singular, a fez especial e a transformou, naquele momento, no principal “*point*”⁸ dos skatistas.

Registra-se que a “lombada” da Rua Uruguai fica localizada na Zona Sul da cidade e era frequentada por jovens das mais diversas localidades do município, fato que exigia um deslocar constante para esse “*point*”. Tal deslocamento culminava na possibilidade dessa juventude desvelar novos espaços urbanos para além da Rua Uruguai.

Schaun⁹ (2018) menciona que o envolvimento familiar o inseriu na prática, assim como possibilitou o desvelar:

agradeço muito ao meu pai [...] por conta dele, quando eu fiz 12 anos de idade ele me deu um skate Bandeirantes [ilustrado na imagem 01], num desses picos de moda bem inicial do skate [...] e comecei andar no pátio da casa que meu pai morava, me segurando em cordas de arame pra pegar o equilíbrio. Depois vi que um vizinho meu também havia ganhado um skate... isso em abril de 1976.

⁸ Expressão utilizada pela juventude da época, e ainda usada em nossos dias, para denominar os locais que reuniam uma grande quantidade de jovens em busca de descontração, namoradas, rock e outras coisas.

⁹ Luiz Henrique Schaun, conhecido como Schaun, é pelotense, engenheiro civil de formação. Atualmente é gestor de uma empresa da família. É um dos grandes precursores da prática do skate no município. Se considera da segunda geração de skatistas do município de Pelotas.



Figura 01 – Skate Bandeirantes: Arquivo pessoal dos autores.

Já Barcellos Neto (2020)¹⁰ sinaliza que

[...] era frequentador do Clube Brilhante e lá, quer dizer, antes eu já tinha contato com alguma revista importada [...] mas se eu te falo, eu tinha 7 ou 8 anos de idade [...] A Pepsi colocou uma rampa na cancha de futebol externa do Clube Brilhante [...] naquela época foi o máximo... não tenho certeza, mas ainda não existia a Sub¹¹, acho [...] Aí cara, foi o meu primeiro contato com o skate, aí de tanto encher o saco do meu pai, o skate veio.

O que afirma o desenvolvimento da prática a partir de outros locais. Fato observado no relato de Garcia (2020)¹², ao explicar que

então, eu ganhei um skate do vizinho... com roda de borracha e *shape* de fibra e eu, eu praticava na calçada de casa. Logo em seguida, perto da minha casa...eu morava na Pedro II e tinha a descida da católica [...] Ali eu andava todas as tardes [...] aí no meu aniversário eu podia escolher um 3x1¹³ ou um skate...aí ganhei um skate *H-Pol* [...] E aí, sempre com o skate e com aquela ideia que tinha aquele monumento na Praça dos Macacos [o Panelão]... que um dia eu ia lá andar! Isso em 1985 ou 1986.

¹⁰ Miguel A. Barcellos Neto, conhecido como Barcellos, é gaúcho e pelotense. Atualmente reside com a família no Estado de Santa Catarina.

¹¹ Nome da primeira PPS, mais tarde recebeu o apelido de “panelão”.

¹² Rodrigo Ferreira Garcia, conhecido como “Mania”, apelido que lhe acompanha durante a vida, é pelotense e ainda hoje possui uma relação estreita com a prática do skate, pois sempre que possível, reúne amigos para praticar em um *bowl* que possui em sua residência.

¹³ Aparelho de som muito cobiçado pela juventude nas últimas duas décadas do século XX. O aparelho reunia toca-fitas, rádio e toca-discos.

Amaral Júnior (2020)¹⁴, ao se referir ao seu primeiro skate, comenta

[...] quando eu comecei aqui, eu vi o Pingo, que é o Carlos Aberto Sobral o Luciano, eu o Eduardo Farias.... o Edu. Aí comecei a ver eles...eles tinham skate e tal e no início eu andava com o deles, depois fui a Porto Alegre comprar. Aí começou. No início era só nós quatro... não via ninguém em Pelotas de Skate [...] no início, quando começamos a andar, não tinha asfalto em Pelotas, só na curva da morte¹⁵, mas era muito perigoso [...] aí nós começamos a andar na Rua Uruguai esquina Felix da Cunha... íamos andando até lá, pelas calçadas [...] outras pessoas vinham depois, e sempre nos encontrávamos por lá.

Ainda de acordo com Amaral Júnior (2020), considera-se que a busca de espaços urbanos para a prática do skate, na sua fase incipiente, se limitava aos arredores de casa, onde amigos se reuniam. Uma manifestação de diversão, uma forma de se fazer lazer nas ruas.

Na imagem 02 visualiza-se uma gurizada se divertindo em cima de uma tábua com quatro rodinhas. A “lomba” da Rua Uruguai, com uma inclinação de aproximadamente 30 graus, era uma espécie de acessório para garantir a adrenalina resultante das manobras que passavam a ser desenvolvidas por uma gurizada em busca de emoção. Certamente não tinham a menor noção de que essa brincadeira permaneceria, embora travestida de outros sentidos, na cidade de Pelotas.

¹⁴ Paulo Brasil do Amaral Júnior, conhecido como Paulo Brasil, é pelotense e Tecnólogo em Gestão Ambiental. É considerado como pertencente à primeira geração de skatistas de Pelotas.

¹⁵ Apelido de uma rua da cidade que possui uma curva muito fechada e, na época, gerava muitos acidentes com morte.



Figura 02 – Paulo Brasil do Amaral Júnior, plantando bananeira na Lomba da Rua Uruguai: Imagem concedida por Paulo Brasil do Amaral Júnior e de origem e autoria incerta.

Sequenciando as primeiras manifestações do deslizar das rodinhas pelas ruas do município de Pelotas, Eduardo Lessa da Costa Farias¹⁶ comenta que

[...] no início apareceu um skate Bandeirantes¹⁷, aquele bem fuleiro, rodas de plástico...tinha que ter um equilíbrio tremendo [...] a gente começou a andar com aqueles skate bandeirante [...] bom, início, era eu o Pingo e o Brasil, depois o pessoal começou a se juntar e andar na rua. Aí só tinha uma descida¹⁸ em Pelotas [...] tinha um prédio que tinha uma descida...era a nossa rotina, nós ia andar lá [...] já que a gente vai andar, não vamos ficar só nesse pedacinho... aí fomos andar na estrada... fomos andar na Cascata¹⁹, na descida da Cascata lá, ganhamos uns tombos fenomenal. Não sei como é que ninguém morreu naquilo... não usávamos capacete, nem nada [...] depois aparecia a polícia e nos tirou de lá (FARIAS, 2020).

¹⁶ Eduardo Lessa da Costa Farias, conhecido como Farias, sabendo que o seu apelido é Edu, morou em Portugal e atualmente vive na Alemanha. Embora natural de Curitiba (PR), considera o Rio Grande do Sul e a cidade de Pelotas como sua terra. É considerado como pertencente à primeira geração de skatistas de Pelotas.

¹⁷ Bandeirantes era o nome de uma fábrica nacional de brinquedos, fundada no ano de 1952. Conhecida por fabricar bolas de plástico, patins, motocicletas e, nos anos 1970, passou a fabricar skates feitos com tábuas de compensado e rodinhas de plástico.

¹⁸ Fazendo menção à Rua Uruguai.

¹⁹ A Cascata, 5º distrito de Pelotas, localizada a cerca de 20 quilômetros do Centro urbano, de fácil acesso pela BR 392.

Para Farias (2020), a necessidade de avançar na adrenalina promovida pelo skate era eminente e buscar novos desafios/obstáculos se tornou necessário. Ainda, para ele, a gurizada começou a construir um “paredão” com compensado naval, para colocar em algum lugar, pois havia a necessidade de praticar umas manobras novas e dar uns aéreos, pois eles não sabiam subir num paredão. Ainda, de acordo com Farias (2020),

[...] o paredão foi colocado na casa do Piltcher [...] tinha som... tinha tudo... ouvindo *Led Zeppelin, The Who, Rush* [...] tocava o pau... se pudesse passava o dia andando, mas tinha que estudar [...] mais pra frente fomos pedir uma pista pra Pepsi Cola, e ela disse que ia inaugurar uma discoteca no centro da cidade... acho que na Rua Quinze, e vamos botar uma pista lá dentro... vocês vão ser a nossa equipe [...] e nós a dar aéreo lá dentro com luzes e estroboscópio... lá dentro ((ri))²⁰.

É possível considerar que essa necessidade de novos “picos”²¹ para a prática do skate marcou, de alguma maneira, uma nova forma dessa juventude encarar o skate, inclusive se apropriando da cidade para a sua prática.

O *pico* é a maneira como os skatistas denominam locais da arquitetura urbana usados para andar de skate. Um determinado espaço se transforma em um *pico* quando o skatista promove um movimento de apropriação do espaço em que são produzidos novos sentidos à arquitetura urbana, de acordo com o uso que é feito dela. Logo, o *pico* pode ser entendido como a expressão do encontro entre o skatista e a arquitetura urbana, que poderá se efetuar ora de modo mais estável – através da ocupação de locais de conhecimento público dos skatistas (já frequentados), [...] ora de maneira improvisada e efêmera, na medida em que ao skatista se deslocar pela cidade, pode se deparar com um equipamento urbano propício para prática de skate, mas que ainda não foi descoberto por seus adeptos e/ou sua ocupação mais estável não é tolerada pelos proprietários do espaço, sejam eles autoridades públicas ou privadas (OLIC, 2012, p. 91).

Dito de outra forma, pode-se inferir que os “picos” emergem na medida em que os skatistas necessitam avançar na adrenalina promovida pela prática do skate. Os seus deslocamentos pela cidade culminam num desvelar constante de novos espaços e, conseqüentemente, da sua apropriação e modificação. Como um abraçar da cidade pelos skatistas, quase como se fossem águas penetrando vagarosamente pelas ruas,

²⁰ Para as transcrições utilizamos as orientações propostas por Marcuschi (1986) para demonstrar e se aproximar das ocorrências, por isso se visualizarão sinais como (()) para indicar comentários do entrevistador quanto aos trejeitos apresentados pelo entrevistado.

²¹ Expressão utilizada pelos skatistas para denominar lugares que oferecem condições de manobras mais arrojadas. A busca por picos é frequente pelos skatistas.

permeando prédios, praças, igrejas, corrimãos das edificações etc., sejam eles públicos ou privados. Nessa relação, ruas, calçadas, praças, escadarias, corrimãos, monumentos, estacionamentos de toda a natureza, passam a ser ressignificados por eles, que dão ao espaço uma nova identidade. Fato que nem sempre recebe a simpatia dos moradores ou frequentadores do local.

Nesse ínterim, bem como sinalizam Rechia e Betrán (2010, p. 186), percebe-se que

[...] o espaço público polivalente, possibilita usos principais e combinados das populações e em temporalidades diferentes, como também permite a conexão desses ambientes com moradia e comércio. Tal conexão, poderá conferir sentido à vida cidadina, marcar simbolicamente o território e potencializar elementos da identidade cultural e, evidentemente, proporcionar uma certa segurança.

Em geral, a forma de pensar a cidade é fruto do seu próprio tempo e, com o passar dos anos, os mobiliários urbanos que outrora eram carregados de sentidos e significados, diga-se, pré-concebidos por aqueles que a pensaram, são reinterpretados e ganham novas atribuições. Assim, um banco de uma praça, um corrimão de acesso a um prédio público ou uma escadaria de uma catedral, para os skatistas, transformam-se em “picos” para a prática do skate.

Para além dos espaços relatados, Roza (2020)²² narra que

nasci e me criei do lado a Católica²³, entendeu? [...] então a católica era o pátio da nossa casa [...] localizado mais na Rua Pedro II, ali tinha, tem uma descida de calçada [...] se reuniam cinco ou seis e aquilo me chamava a atenção, isso em 78 ou 79, com quinze ou dezesseis anos [...] aí começamos a nos reunir ali praticamente todos os dias [...] mais tarde descobrimos... parte da galera, a descida da Rua Uruguai, que seria uma descida mais radical... a adrenalina era maior.

Ainda, Conceição (2020)²⁴ conta que

eu comecei lá pela década de 70, no ano de 75²⁵ por aí [...] comecei do acaso, eu vinha, acho que pela rua Felix da Cunha, lá perto da católica, Universidade Católica, e vi o pessoal descendo uma lomba numa rua adjacente daquela que vinha passando, aí me chamou a atenção, eu nunca tinha visto pessoal

²² Milton Pereira da Roza, conhecido como “Miltinho”, não se considerava um skatista, mas um simpatizante da prática do skate. Hoje desenvolve atividades esportivas ligadas ao ciclismo.

²³ Universidade Católica de Pelotas, localizada na Rua Gonçalves Chaves, 373, Centro. Lateralmente cortada pelas ruas Três de Maio e D. Pedro II.

²⁴ Roberto Kennedy Lima Conceição, conhecido como Kennedy, é pelotense e veterano do Skate, pois a prática do skate o acompanha até os dias de hoje. É empresário no ramo automotivo.

²⁵ Faz referência aos de 1970 e 1975 do século XX.

descendo em cima de uma tábua, eu nunca tinha visto [...] achei legal! Achei demais! Aí me interessei a andar de skate e comprei um skate [...] meu primeiro skate foi um Bandeirantes. Aí comecei a praticar na Cohabpel²⁶, na rua Osório [...] Ali nós tínhamos uma turma e cada um tinha comprado um skate Bandeirantes [...] começamos a andar na calçada direto, né cara! Uma vez ou outra encontrava aquela turma do Porto e andava com eles, mas isso era uma vez ou outra [...] nós tínhamos a nossa turma da Cohabpel.

No relato de Conceição (2020) percebe-se a configuração de tribos, denominadas por ele de “turma”, podendo ser compreendido, conforme Maffesoli (1998), como “tribos urbanas”. Nesse contexto, conforme Pais e Blass (2004), representam formas de sociabilidade subsidiadas por normas de natureza estética e ética que representam peculiaridades de ritualizar “vínculos identitários”. Embora saiba-se que existam ambiguidades na utilização da metáfora “tribos urbanas” nas ciências sociais, “[...] interessante é, para essas mesmas ciências sociais, que classificações forjam realidades: falas, comportamentos, modos de pensar e de viver, manipulação de coisas e de corpos que viram signos de identidade” (FREHSE, 2006, p. 173). Essas turmas, conforme relatado por Conceição (2020), são parte de representações originadas de práticas sociais, “[...] manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana” (DURHAM, 2004, p. 231), realizada pelo que Durham (2004) denomina de “dinâmica cultural”.

Tais comportamentos são percebidos, dentre outras coisas, pelas formas de se vestir e pelos espaços utilizados que representam identidades (re)criadas pelos praticantes. Elementos esses que determinam e moldam as formas de manifestação da cultura corporal, na medida em que suas construções dos seus *hexis corporais* se sustentam no paradigma atual de sociedade. Mais especificamente, *hexis corporais* são produtos e condições de práticas sociais (MONTAGNER, 2006).

Nesse contexto incipiente da prática do skate em Pelotas, que ia das calçadas dos arredores das casas dos primeiros praticantes até a Rua Uruguai, houve um período em que essa gurizada buscou adrenalina em um local com uma inclinação mais acentuada, descida mais longa e mais perigosa. Esse local era a ponte²⁷ que ligava a cidade de Pelotas a Rio Grande, já abandonada naquele período (ilustrada na imagem 03).

²⁶ Grande Conjunto Habitacional localizado na zona norte da cidade, que concentra apartamentos distribuídos em vários blocos que completam vários quarteirões.

²⁷ Foi abandonada devido a construção de uma nova ponte, situada ao lado da antiga, até hoje abandonada.



Figura 03 – Paulo Brasil do Amaral Júnior, agachado descendo a inclinação da ponte abandonada: Imagem concedida por Paulo Brasil do Amaral Júnior e de origem e autoria incerta.

Essa fase inicial, descrita até aqui, revela um momento em que a gurizada buscava desenvolver suas atividades de lazer pelo skate - o lazer-skate. Nesse período a apropriação do espaço urbano para garantir este lazer-skate era essencial. Um sentimento de direito de se apropriar da cidade emergiu e, em virtude do preconceito, os skatistas pelotenses passam a ser vistos como pessoas desocupadas. Machado (2017) analisa que nesse processo de disputa pelos espaços urbanos os skatistas, aos olhos da sociedade, tornam-se pessoas indesejáveis em virtude das apropriações audaciosas.

Provavelmente, a exemplo do que foi relatado, para muitos desses jovens os primeiros movimentos em cima de um skate ocorriam no pátio de casa ou em frente à calçada. Sobretudo por se tratar de uma gurizada ainda muito jovem e sem autonomia para ir além das fronteiras do quarteirão que residiam²⁸.

Esses elementos são percebidos nas palavras de Pires (2020)²⁹, ao mencionar:

puxa! Eu comecei, eu acho que foi em torno de 73 ou 74, foi de ver, acho, as pessoas andando naquelas tabuinhas com rodinhas [...] Só que o poder aquisitivo naquela época não era tão grande...então eu fiz o meu primeiro skate [...] Com uma

²⁸ Entretanto, havia aqueles que se aventuravam em lugares mais distantes, como na ponte que separava os municípios e Pelotas e Rio Grande.

²⁹ Jorge Pires, conhecido como “Nino”, foi um dos grandes expoentes do skate em Pelotas durante a década de 1980. Ao lado de Schaun, Piltcher, Kennedy e outros, registraram as primeiras manifestações do skate em Pelotas. Hoje, “Nino” não pratica mais skate.

tábua, acho que de duas polegadas, tá? Com rolamento...aí eu comecei a andar...eu morava ali na Domingos de Almeida com Barroso [...] as calçadas ficavam na miséria, fazia um barulhão [...] aí depois, uns 3 meses, a minha vó me deu um skate, que é o famoso bandeirantes... todo o skatista que se preze teve um skate Bandeirantes [...] Na época não tinha pista, eu praticava estilo livre... eu praticava a meia quadra de casa.

Ainda, conforme Pires (2020), visualiza-se a distinção do desenvolvimento dessa prática corporal na época, em relação às modalidades existentes atualmente. Até mesmo porque os equipamentos para a prática eram restritos, tanto no que se refere às instalações esportivas destinadas à prática, quanto às vivências junto ao skate que “engessavam” as manobras e o acesso aos equipamentos. Naquele período, a prática era manifesta por meio do deslizar pelas ladeiras, por isso algumas ruas são destacadas majoritariamente no relato dos entrevistados. Isso por permitirem o deslizar pelas lombas ou, ainda, como Brandão (2012) salienta, o deslize imitando manobras próprias do surfe. Devido a isso, em alguns momentos era reconhecido como “surfinho”.

Contudo, a inexistência de “lombas” espalhadas pela cidade levava os jovens a desenvolverem manobras radicais em ruas que apresentassem uma leve inclinação, o que era mais comum em algumas localidades.



Figura 04 – Jorge Pires plantando bananeira no skate numa calçada com leve inclinação: Imagem concedida por Jorge Pires.

Com o passar do tempo, essa mesma criançada começou a fazer do skate uma rotina em sua vida. De uma simples brincadeira nos arredores de suas casas, essa prática corporal começou a atingir outras proporções e, gradativamente, o skate passa a ser objeto de consumo da juventude. Consequentemente, virou mania entre eles.

Para Schaun (2018),

[...] é um jogo de paixão, depois que o skate... entra na corrente sanguínea de verdade, não consegue mais tirar [...] no colégio já havia outros com skate, e aí formamos um grupo, e foi assim que começou, de fato foi assim que começou. Claro que depois evoluiu para outros patamares diferentes, mas foi assim que começou.

Nesse período, que podemos chamar de fase inicial da prática do skate no município, sugere-se que, a exemplo de outras realidades do país, Pelotas carecia de uma infraestrutura para a sua prática. Isso leva essa juventude, ainda não auto identificada como skatistas, a percorrer as ruas da cidade em busca de “picos” a fim de garantir sua diversão por meio do lazer-skate.

Já em meados da década de 1970, a gurizada pelotense, num processo incessante de ressignificação dos espaços urbanos do município, desvelava localidades para suas atividades lazer [...] Tempos, em que provavelmente, sua prática era desprovida de qualquer sentimento e disciplinamento esportivo, sem laços identitários claramente definidos (ROCHA; NUNES, 2019a, p. 4).

Ao mesmo tempo em que o skate passou a ser objeto de consumo entre grande parte da juventude pelotense, se espalhavam as notícias de que existiam praticantes de skate nas lombas da cidade e, assim, se materializou o processo de territorialização da sua prática. Dito de outra forma, os simpatizantes do skate passaram a buscar espaços urbanos capazes de proporcionar maior emoção em cima das quatro rodinhas. É nesse processo que a calçada da lomba da Rua Uruguai ganha uma finalidade para além de local de passagem para os pedestres.

Na imagem 05 é possível perceber uma gurizada reunida em busca de diversão, descendo a lomba da Rua Uruguai, entre as Rua Anchieta e Felix da Cunha. A calçada com lajotas irregulares, promovia muito barulho quando em atrito com as rodinhas, “atrapalhando” o sossego de quem morava no prédio.



Figura 05 – Lomba da Rua Uruguai em fotografia da década de 1970: Arquivo pessoal de Luiz Henrique Schaun.

De acordo com Schaun (2018), o incômodo causado pela aglomeração da gurizada e os barulhos resultantes do atrito das rodinhas levaram alguns moradores a arrancarem as lajotas da calçada a fim de evitar a prática do skate em frente às suas casas que, para eles, não era o local adequado. Para Machado (2017), a prática do skate nas ruas quase sempre esteve associada a algo marginal e indesejado, promovida por jovens cidadãos³⁰ que, insistentemente, praticavam skate em espaços que não foram construídos especialmente para esse fim.

Ao que parece, as notícias de que essa juventude e simpatizantes da prática do skate se reuniam na Rua Uruguai se espalharam pela cidade e esse local, aos poucos, foi sendo descoberto e virou uma espécie de ponto de encontro estabelecido pela sua atratividade. Atrativo esse que, segundo Beni (2007), é todo lugar, objeto ou acontecimento que possui alguma característica que desperte interesse, motivando o fluxo de pessoas até determinado local.

Para Roza (2020),

[...] aí depois nós descobrimos, entre aspas, parte da galera, a Uruguai que a gente teria uma descida mais radical, entende? [...] Bem mais radical que a lombada da Don Pedro...tinha uma dobrada para a esquerda [...] E aí ali a galera se reunia... do Colégio Santa Margarida, São José e Diocesano. Tinha uma galera que andava de skate [...] se emprestavam, porque nem todo mundo tinha condições de comprar, né! [...] um quebrava a perna e outro quebrava o braço [...] eu não era um skatista, mas eu era um amante da adrenalina...quando o skate, era um carrinho de rolimã [...] ao que parece foi ali que tudo começou.

Esse processo incipiente de territorialização da prática do skate em Pelotas foi caracterizado pela presença de jovens skatistas que viam essa atividade como uma brincadeira que proporcionava mais emoção e adrenalina do que as tradicionais diversões de rua citadas anteriormente. O fato é que essa prática amadureceu, ganhou corpo, um novo sentido. Nesse processo, essa mesma juventude reivindicou um espaço específico para a prática do skate, ação que resultou na construção da primeira PPS de Pelotas, uma das mais antigas do Rio Grande do Sul – “O Panelão”.

³⁰ De acordo com Machado (2017), cidadinidade é um neologismo derivado do termo francês *citadinité* para fazer um contraponto à ideia de cidadania. A cidadinidade, no caso do skate, torna-se um conceito para definir a forma de como os skatistas se apropriam da cidade, transformando-a em equipamentos necessários para a prática de skate, sobretudo, na modalidade *street*, em busca de *picos*. Num sentimento de direito de apropriação, quebrando rubricas governamentais, que vão para além das pistas, os skatistas se entrelaçam com a cidade deixando suas marcas e, ao mesmo tempo, sendo marcadas por ela.

“Panelão - o Gigante de Concreto”: a prática do skate ganha endereço

Com base no descrito até aqui, argumenta-se que no final dos anos de 1970 a prática do skate em Pelotas já era presente no cotidiano de muitos jovens. Muitos deles já viam a prática corporal como algo que ia muito além de uma simples brincadeira de rua. Sem dúvida, a tábua com quatro rodinhas passou a ser objeto de consumo e, ao mesmo tempo, uma cultura entre esses jovens. De acordo com o relato de alguns entrevistados, muitos deles “exibiam” seus skates no interior das escolas ou pelas ruas da cidade. Eram outros tempos e a necessidade da construção de uma pista passou a ser o novo sonho de consumo entre eles.

As falas dos entrevistados, que viveram esse período, são unânimes em relatar que os jovens começaram a se organizar a fim de reivindicar uma pista de skate para a cidade. Ainda que não fossem grandes manifestações, de certa forma ecoaram frente ao poder executivo municipal, na época do mandato do prefeito Irajá Andara Rodrigues (prefeito da cidade de Pelotas por duas gestões, de 1977 a 1982 e de 1993 a 1996). Foi nesse contexto, em meio a uma juventude sequiosa por um espaço destinado ao skate, que foi construída a primeira PPS de Pelotas.

Pelotas entrou nessa mania e ganhou de presente uma das maiores pistas de skate do Rio Grande do Sul, na época. A pista em formato *snake*, com *bowl* ao fundo, ficava localizada na Avenida Bento Gonçalves, na Praça Júlio de Castilhos, e recebeu o apelido de “Panelão” (ROCHA; NUNES, 2019b, n.p.).

De acordo com o relato de Piltcher (2020),

[...] nós fizemos uma manifestação na frente da Prefeitura, porque se eu não me engano, ainda não havia a intenção de fechar a Rua Quinze... ali onde tava a pista, ou se havia, nós não sabíamos [...] aí apareceu muita gente, muita gente que andava de skate, bem na frente da prefeitura tá! [...] Eu não me lembro por intermédio de quem... houve uma conversa...uma reunião com o Irajá... apresentaram uma foto, um projeto na revista com *snake* e um *bowl* [...] nós queremos fazer uma pista em Pelotas, e naquela reunião mesmo ele falou “vamos fazer sim! E vai ser na Quinze de Novembro entre Bento Gonçalves e Dr. Amarante” [...] eu não lembro se foi exatamente assim que ele falou, mas aconteceu.

A partir do relato descrito, considera-se que o poder público municipal, de certa maneira, atendeu a manifestação dos jovens que, organizados, pleiteavam a construção de uma PPS. Considera-se que nesse momento a prática do skate ganhou endereço no município. Na imagem 06 observa-se a Rua Quinze de Novembro antes do seu fechamento, portanto, período anterior à construção da primeira PPS de Pelotas. Visualiza-se ainda, na parte inferior da imagem, a Avenida Bento

Gonçalves e, de forma tímida, ao fundo, a Rua Dr. Amarante (visão parcial da Igreja Protestante).



Figura 06 – Rua Quinze de Novembro: Arquivo pessoal de Luiz Augusto King³¹.

A Rua Quinze de Novembro é uma das mais conhecidas ruas da cidade de Pelotas que, igualmente à grande maioria delas, respeitando o formato de tabuleiro, corta a cidade de Norte à Sul. Sempre apresentou um grande fluxo de veículos pequenos e de pessoas e, embora não se tenha evidências de que o seu fechamento tenha gerado grandes debates e desconfortos entre os moradores da região, há rumores de que isso ocorreu.

Como relatado por Piltcher (2020), não sabiam ao certo se já existia um projeto para o fechamento da Rua Quinze de Novembro para, então, ser construída uma pista. Contudo, como veremos, havia uma justificativa para o fechamento.

Rodrigues (2019), prefeito de Pelotas à época relatou:

[...] com relação a Praça de Skate, ela tinha um objetivo... eu tinha que tirar a rua que separava as duas praças [...] quando eu era guri, eu lembro, várias crianças morreram ali atropeladas. Porque, o seguinte, era uma praça de brinquedos... tinha um zoológicozinho... uma coisinha assim. Tinha quadra de basquete, de vôlei e tinha a rua que passava no meio delas [...] aí eu tratei de criar uma situação que eu tinha que tirar a rua. Aí nós projetamos construir bem no meio da rua a pista de skate. E mais, nós não tínhamos dinheiro pra fazer [...] construída a base de granito... paralelepípedo e os cordões do meio da rua.

³¹ Luiz Augusto King é servidor Público Municipal de Pelotas, lotado na Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana, na função de Diretor de Planejamento Territorial.

Então fizemos a pista [...] como eu precisava de material, então desmanchamos toda a rua [...] era uma forma de integrar as duas praças e as crianças não sofrerem as consequências atravessando de uma praça pra outra [...] tranquilo, é uma praça só, apenas no meio tinha uma rua e passava os automóveis, né [...] fechando a rua, junto se construiu a pista.

De acordo com o relato de Rodrigues (2019), considera-se que já existia um objetivo e uma justificativa para o fechamento da Rua Quinze de Novembro, uma vez que a via que cortava as duas praças, que na verdade era uma só, oferecia perigos para as crianças que buscavam lazer junto à estrutura oferecida. De alguma forma, os atropelamentos eram frequentes e o fechamento da rua seria uma alternativa para suprimir esses riscos.



Figura 07 – O prefeito Irajá pesquisando informações para contribuir com a pesquisa: Arquivo pessoal dos autores.

Na ocasião da entrevista concedida, Rodrigues (2019) relatou que alinhou a necessidade do fechamento da rua com a necessidade de atender às manifestações dos skatistas que pediam a construção de uma PPS,

[...] como foi uma reivindicação de uma gurizada... eu fui na prefeitura procurado por uma comissão de meninos [...] que veio me pedir pra construir uma pista de skate [...] não vieram com pai, com mãe, com tio... com ninguém! Eles vieram a prefeitura sozinhos.

Percebe-se na fala de Rodrigues (2019) que já existia uma movimentação organizada de skatistas que reivindicavam a construção

de um espaço destinado à prática do skate, o que de certa forma contribuiu para que o poder público desenvolvesse uma ação conjugada com a demanda emergente dessa juventude.

Não houve inauguração da construção da primeira PPS de Pelotas, “embora tenha sido um grande feito, não podíamos fazer nenhum estardalhaço, pois os autos³² não podiam mais passar pela rua” (RODRIGUES, 2019). Abaixo, na imagem 08, visualiza-se o momento em que o grupo de cinco jovens, descrito pelo prefeito, apresenta o projeto de uma pista de skate para servir de parâmetro para construção de uma pista pública de skate em Pelotas.



Figura 08 – Representantes de uma mobilização em prol da construção da PPS em Pelotas reunidos com Irajá Andara Rodrigues: Imagem concedida por Emanuel Bueno Martins de autoria incerta.

De acordo com o informado por Farias (2020), os jovens que aparecem na fotografia acima são, respectivamente, da esquerda para a direita, Paulo Real, Fernando Real, Eduardo Amaro Silveira, Tuca Siqueira e Paulo Gastal.

Ainda, conforme o relatado na entrevista realizada com Piltcher (2020), no momento da conversa entre o prefeito e os jovens, em frente à Prefeitura havia uma manifestação que reunia muitos skatistas, não precisando a quantidade. Num dado momento do protesto, um representante do poder executivo foi até os jovens e perguntou quem gostaria de ir conversar com o prefeito e esses cinco jovens, representados na imagem 08, ao acaso, subiram ao gabinete.

Foi nesse deslizar das rodinhas do skate pela cidade de Pelotas, quase numa incessante busca de espaços para a sua prática, que reunia

³² Denominação atribuída aos automóveis.

jovens das zonas Norte, Sul, Leste e Oeste da cidade, em busca de lombas, que emergiu um “gigante de concreto”³³ entre as duas Praças. Certamente a euforia da juventude durante a construção da pista era muito grande. Não levantaram-se registros fotográficos sobre o acompanhamento das obras pelos jovens skatistas, no entanto, em algumas falas dos entrevistados aparecem evidências de que o sentimento de angústia e ansiedade pela conclusão da construção da pista era muito presente.

Os simpatizantes da “tábua sobre quatro rodas” aguardavam com expectativa e euforia a finalização das obras... Aos poucos, num processo de desterritorialização, originada nas poucas lombadas existentes na cidade e numa gurizada que agitava já nos anos 1970, o skate ganhava endereço, delimitava um novo território e abria alas para as futuras gerações (ROCHA; NUNES, 2019a, p. 4).

Essa euforia pode ser visualizada na imagem 09, em que a pista ainda parecia estar em estágio de construção, com tijolos, ferragens à mostra, bem como a borda do *bowl* em estágio bruto, oferecendo risco à integridade física do praticante. Mesmo assim, a ansiedade pela inauguração da pista era muito presente entre os skatistas que já vivenciavam o espaço.

³³ Expressão utilizada na época para denominar o tamanho da pista, que chamava a atenção de todos que passavam pelos arredores da Praça Júlio de Castilhos, popularmente, como já dito, conhecida como Praça dos Macacos.



Figura 09 – Jorge Pires antes da inauguração da pista: Arquivo pessoal de Jorge Pires.

Construída e inaugurada no ano de 1979, o “gigante de concreto” – o Panelão, em formato *snake* e com *bowl* ao fundo, entrou para a história do skate gaúcho, figurando entre as três mais antigas PPS do Estado do Rio Grande do Sul.

A imagem 10 representa a mais incipiente fase da utilização da pista pela juventude pelotense. É possível observar que a pista está em seu estado natural, sem a intervenção de imagens ou grafismos em suas paredes que registrem marcas da sua utilização intensa. À primeira vista, é possível argumentar que os jovens usavam a pista como um espaço de diversão, ou como um local a ser desvelado, pois não se percebe claramente uma identidade de skatistas. É possível arguir, ainda, que mesmo sendo pouco utilizada a pista já apresentava problemas em sua construção, pois são visíveis as partes em que o reboco começa a se descolar, mostrando imperfeições que certamente dificultavam a prática do *skate* e oferecendo perigo aos seus praticantes.



Figura 10 – Pista em seu estado bem inicial em fotografia do final da década de 1970: Foto: Pretéria Urbe. Brum e Gonçalves (2016).

A imagem 11, a seguir, registra uma fase de utilização mais intensa da pista, pois são visíveis os registros escritos pelos frequentadores do espaço. Além disso, é possível identificar a presença de um público admirando as manobras praticadas pelos jovens skatistas que, naquele momento, arriscavam-se para divulgar, conscientemente ou não, uma prática de lazer que chegava para ficar.



Figura 11 – Pista com a presença de vestígios que marcam a sua maior utilização no início dos anos de 1980: Disponível em: <https://3.bp.blogspot.com/>. Acesso em: 02 maio 2018.

Na imagem 11 é possível identificar, ainda, uma maior organização e um sentimento de esportivização dos frequentadores. Capacetes, joelheiras, cotoveleiras, bem como *shorts* e camisetas, remetem ao início de uma uniformização e estilização na forma de se vestir entre os frequentadores. Outro aspecto identificado, de certa forma muito proeminente, é a presença do público feminino, pois trata-se do início dos anos de 1980, período em que existiam espaços e atividades destinadas ao público masculino e outros para o público feminino.

Ainda, os registros na pista evidenciam um início de sentimento de pertencimento ao espaço. Uma espécie de registro de grupo, no qual jovens que se identificam por intermédio de um esporte agrupam-se em forma de tribo – tribo urbana. Para Maffesoli (1998), esses pequenos grupos, chamados tribos urbanas, se diferenciam por sua fachada, pois apresentam características semelhantes entre si: corte de cabelo, estilo de roupa, linguagem, comportamento, gosto musical etc.

Registros esses que demarcam características próprias daqueles que habitavam o “Panelão” e os diferenciam de outras “tribos”, nesse caso, “urbanas”. Além disso, remetem a aquisição de equipamentos específicos para a prática dessa prática corporal.

Os anos que se seguiram a sua inauguração, sobretudo até os anos de 1985, o “Panelão” foi intensamente utilizado pelos primeiros skatistas pelotenses e, sem dúvida, passou a ser o novo “point” para novas adrenalinas em cima da tábua com quatro rodinhas. Nesse

momento, para a alegria dos moradores, a “lomba” da Rua Uruguai ficou órfã de skatistas.

A seguir, na imagem 12, embora com resolução prejudicada devido às máquinas fotográficas analógicas, é possível observar Barcellos Neto (2020) realizando uma manobra chamada *handplant* no “Panelão”, provavelmente, por volta de 1985, época em que a pista mostra sinais de utilização intensa.



Figura 12 – Miguel A. Barcellos Neto realizando *handplant*³⁴ provavelmente da metade da década de 1980: Arquivo pessoal de Miguel A. Barcellos Neto.

Na imagem 12 é possível perceber, ainda, um público atentamente observando as façanhas realizadas por Barcelos.

De acordo com os entrevistados, a primeira década do “Panelão” foi coroada pela presença de uma grande quantidade de skatistas e por uma expressiva presença de campeonatos, o que pretendemos abordar em outro artigo. O fato é que a pista tão sonhada pelos jovens, tornou-se realidade e, sem querer, talvez passou a ser mais uma atração de lazer na praça.

³⁴ Manobra que consiste numa espécie de “bananeira”, mas utilizando-se apenas uma das mãos para ficar de ponta-cabeça.



Figura 13 – Para além das calçadas: Luiz Henrique Schaun num aéreo no “Panelão”: Arquivo pessoal de Luiz Henrique Schaun.

Na imagem 13 é possível observar uma grande quantidade de pessoas que disputam espaços para assistir as manobras realizadas pelos skatistas, o que nos remete a ideia de que o “gigante de concreto” era frequentado por um público que simpatizava com a prática do skate.

Considerações Finais

Considera-se que os primórdios da prática do skate no município é caracterizada pela introdução de um brinquedo que oferecia lazer para uma criançada que, possivelmente, não tinha consciência do que o skate significava em termos globais. Nessa época, no município de Pelotas, o skate era uma simples diversão para os jovens que buscavam adrenalina nas “quatro rodinhas”, limitando-se às calçadas planas ou lombas com pouca inclinação, localizadas próximas de suas casas, inicialmente na região Norte da cidade. Mais tarde, esses jovens romperam as fronteiras que circundavam os arredores de suas moradias e partiram para “rolês” em outras localidades do município.

Nesse deslizar das rodinhas, constatou-se que esses mesmos jovens, de certa forma, precursores do skate, pulverizaram a prática no município. Na medida que buscavam nos espaços urbanos a adrenalina para as manobras em cima das quatro rodinhas, eram observados por outros jovens que, com sentimento de admiração, mais tarde passariam a fazer parte do mesmo universo. Nesse contexto, a lomba da Rua Uruguai territorializava-se como o espaço urbano mais frequentado pelos skatistas. Registra-se que essa lomba, além de delimitar territorialmente

um espaço público destinado à prática do skate, demarcou um sentimento de identidade entre os skatistas, caracterizando-os como distintos dos jovens que não faziam parte do mesmo universo. Emerge aí o sentimento de tribo urbana.

Músicas, roupas, gírias, entre outras características, passaram a identificar os skatistas. Dito de outra forma, a lomba da Rua Uruguai nasce como o “pico” e, por sua vez, como o “*point*” preferido dos skatistas.

Nessa tessitura, que conjuga skatistas da zona Norte, Sul, Leste e Oeste da cidade, considera-se que a construção da primeira PPS de Pelotas foi produto das interações desses atores sociais. Dessa forma, a construção da Sub, ou simplesmente “Panelão”, foi impulsionada por essa juventude que desejava a edificação de uma PPS em Pelotas, a exemplo das edificadas em Viamão e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Por fim, registra-se que a primeira PPS de Pelotas foi erguida e inaugurada no ano de 1979 e, de acordo com o prefeito à época, meio ao acaso. O objetivo foi solucionar um problema urbano que ameaçava a segurança das pessoas que atravessavam a rua, de um lado da praça para o outro, e nesse contexto sem maiores preocupações com o conhecimento técnico para sua obra, nasceu o “gigante de concreto” – o “Panelão”.

Referências Bibliográficas

AMARAL JÚNIOR, P. B. *Paulo Brasil do Amaral Júnior*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 22 jun. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

BARCELLOS NETO, M. A. *Miguel A. Barcellos Neto*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 26 jun. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. 12. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

BRANDÃO, L. *Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970-1990)*. 2012. 300 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 2012.

BRUM, L.; GONÇALVES, M. *Skate Parks em contexto*. 2016. Disponível em: <https://plataformapalpite.wordpress.com/2016/06/17/skate-parks-em-contexto/>. Acesso em: 2 maio 2018.

CONCEIÇÃO, R. K. L. *Roberto Kennedy Lima Conceição: depoimento*. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 25 maio. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

COSTA, A. C. M. R.; RODRIGUES, M. C. Uso e apropriação da Avenida Perimetral/Paulo Luís da Assunção. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 206-242, jun. 2020.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURHAM, E. A dinâmica cultural na sociedade moderna*. In: DURHAM, E. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 229-235.

FARIAS, E. L. C. *Eduardo Lessa da Costa Farias: depoimento*. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 27 jun. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

FREHSE, F. As realidades que as "tribos urbanas" criam. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 171-174, fev. 2006.

GARCIA, R. F. *Rodrigo Ferreira Garcia: depoimento*. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 20 jun. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

MACHADO, G. M. C. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*. 2017. 345 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia, São Paulo, 2017.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MONTAGNER, M. Â. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 515-526, jun. 2006.

OLIC, M. B. Reciprocidade em deslize: Aliança e localismo em pistas de skate. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 87-114, jan./jun. 2012.

PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S Tribos urbanas: produções artísticas e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PILTCHER, L. G. *Luciano G. Piltcher*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 16 jun. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

PIRES, J. *Jorge Pires*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 26 jun. 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

RECHIA, S.; BETRÁN, J. O. Parques urbanos de Barcelona: relação entre usos principais e combinados, a diversidade nas formas de apropriação e a segurança. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 181-202, jul./set. 2010.

ROCHA, M. J. F; NUNES, C. C. *Pelotas, surf, rodinhas, skate... de repente Califórnia às vésperas dos 40 anos!* Diário Popular, 4 jan. 2019b. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/opiniao/pelotas-surf-rodinhas-skate-de-repente-california-as-vesperas-dos-40-anos-138002/>. Acesso em: 17 jan. 2019.

ROCHA, M. J.; NUNES, C. C. Entre uma lombada e outra o skate ganhou endereço: os 40 anos do Panelão! *Diário da Manhã*, p. 4, 27 e 28 de jul. 2019a.

RODRIGUES, I. A. *Irajá Andara Rodrigues*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 9 jan. 2019. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

ROZA, M. P. *Milton Pereira da Roza*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 27 maio 2020. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

SCHAUN, L. H. *Luiz Henrique Schaun*: depoimento. Entrevistador: Manoel José Fonseca Rocha. Pelotas, 30 dez. 2018. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude e lazer na cidade de Pelotas (RS): uma análise do processo de territorialização e desenvolvimento da prática do skate (1975-2005).

Recebido em 6 de fevereiro de 2022
Aprovado em 28 de março de 2023